Universidades Lusíada

Ferreira, Alcino Baptista, 1942-
Cabaça, Ana Vanessa Jeremias, 1975-

Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel

http://hdl.handle.net/11067/449

Metadados

Data de Publicação 2011

Resumo Num local que nos transcende, onde uma força misteriosa nos envolve, foi edificada uma peça de arquitectura de valor incalculável, o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Trata-se de um espaço racionalizado, com uma escala humanizada, que transfigura a vastidão de um promontório originário, solo impressionante pela força da natureza e grandiosidade do horizonte. (Alcino Ferreira e Ana Cabaça)...

Palavras Chave Templos - Portugal - Sesimbra, Santuário de Nossa Senhora da Pedra Mua (Sesimbra, Portugal), Arquitectura religiosa - Portugal - Sesimbra

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] RAL, n. 3 (2.º semestre 2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T07:52:43Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

FERREIRA, Alcino; CABAÇA, Ana (2011). “Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel”. *Revista Arquitectura Lusíada*, N. 3 (2.º semestre 2011): p. 41-48. ISSN 1647-9009.

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO ESPICHEL

Alcino Ferreira[1]
Ana Cabaça[2]

Resumo

Num local que nos transcende, onde uma força misteriosa nos envolve, foi edificada uma peça de arquitectura de valor incalculável, o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Trata-se de um espaço racionalizado, com uma escala humanizada, que transfigura a vastidão de um promontório originário, solo impressionante pela força da natureza e grandiosidade do horizonte.

Palavras-chaves

Arquitectura, vivência, fé, racionalidade.

Abstract

At a transcendent place where a mysterious force embraces us, a priceless piece of architecture was built: the Lady of Cape Espichel Sanctuary. It is a rationalized place at a human scale that alters the appearance of the original promontory. The force of nature and the immensity of the horizon makes it such an impressive soil.

Key-words

Architecture, experience, faith, rationality.

Carlos Sargedas

[1] Doutor em Filosofia, Universidade Nova de Lisboa. Professor Associado, Universidade Lusíada de Lisboa. Investigador, CITAD, Universidade Lusíada de Lisboa. E-mail: alcinof@hotmail.com

[2] Doutoranda em Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa. Mestre em Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa. Investigadora, CITAD, Universidade Lusíada de Lisboa. E-mail: anavjcabaca@gmail.com

Cabo Espichel, lugar que os deuses quiseram que fosse diferente, onde o mistério surge numa atmosfera mágica. Espaço onde o encontro com a natureza é coincidente com o sentir de uma força superior, misteriosa, que nos alivia as preocupações, revitaliza o ser. Várias culturas aí inscreveram as suas crenças, comungaram a sacralidade independentemente da situação existencial de cada um. A verdade é que todos os que vêm ao promontório, seja qual for a sua fé, sentem algo de especial, algo superior que os transcende. Aqui confluíram as três grandes religiões monoteístas: o Cristianismo, o Judaísmo e o Islamismo.

O promontório estará sempre envolto no seu próprio mistério, na sua beleza natural.

1. Vivência e Fé

O Cabo Espichel, Cabo da Boa Esperança, Cabo Barbárico, Promontório Luminoso ou de Santa Maria, está localizado no concelho de Sesimbra.

Sesimbra é um dos concelhos portugueses mais antigos. Em 2001 comemorou oito séculos da concessão do seu primeiro Foral. Rica em património cultural e artístico.

No início do séc. XVI a economia do concelho baseava-se na construção naval e na pesca, actividades exercidas até hoje. Nos finais do séc. XVI a Coroa exercia forte pressão sobre o povo, impondo a sua hegemonia. Sesimbra, localizada estrategicamente e de relevante importância económica, como porto marítimo, era constantemente ameaçada. No ano de 1672, a poucos metros dos edifícios religiosos do Santuário do Cabo Espichel, nasceu o Forte de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Poucos são os vestígios do mesmo, mas ainda nos é possível perceber um pouco da sua tipologia. Uma filosofia idêntica à da Fortaleza de Santiago, em Sesimbra, uma fachada austera, virada para o mar, e outra mais civil virada para terra. Numa altura em que a Coroa tinha necessidade de estreitar laços com a Igreja, a intenção de proteger peregrinos e frades do Santuário do Cabo Espichel dos perigos externos vindos pelo mar, justificaria a existência do forte neste local.

As festas religiosas do Concelho de Sesimbra são na maioria dedicadas à Virgem Maria. Sesimbra é um concelho Mariano. No entanto, o culto do Senhor Jesus das Chagas, padroeiro dos pescadores, é o mais popular da região. O Pescador de Sesimbra é um homem religioso. A religião é a sua amarra que o liga à vida, a sua âncora nas horas de desespero, onde procura coragem e conforto em todas as horas. O Senhor das Chagas e Nossa Senhora do Cabo são dois tesouros espirituais, saídos do mar, para proteger o povo de Sesimbra.

A festa de Nossa Senhora do Cabo é uma festa do povo. Não existe um dia certo em que todos os círios participem. Cada círio tem o seu dia, mês. Trata-se de uma festa de culto popular, ao contrário do que acontece em outras celebrações em que o dia festivo é comemorado integrado no calendário universal. A realização de Círios no nosso país perde-se nos séculos, as manifestações de fé são desde sempre o ponto alto das romarias.

A palavra Círio remete-nos inevitavelmente para *vela grande de cera*, que também é designada por *brandão*. Levado pelos peregrinos, durante as suas peregrinações como oferenda ao santo padroeiro, passou a dar o nome à própria peregrinação.[3] Assim acontece com o Círio dos Saloios do Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel ou Círio do Santuário de Nossa Senhora da Atalaia. Este exemplo de peregrinação popular encontra-se bem presente na Estremadura.[4] No entanto, podemos constatar que os peregrinos quando falam da peregrinação em si dizem círios, mas quando falam da vela nunca usam o vocábulo círio mas sim o vocábulo vela.

[3] Cf. VASCONCELOS J. Leite de. Citado por MARQUES, Luís. 2009. *Arrábida e a sua Religiosidade Popular.* Lisboa: Assírio & Alvim, p. 13.
[4] Cf. MARQUES, Luís. Idem, p. 13.

O Círio ao Cabo Espichel foi oficializado em 1430, vinte e um anos após o aparecimento da imagem. A 15 de Maio de 1585 foi aprovada a Procissão pelo Cardeal Arcebispo de Lisboa, no entanto a Confraria de Nossa Senhora do Cabo só será instituída formalmente em 1672.

Os romeiros organizavam-se em Giros anuais para festejar Nossa Senhora, muito antes da instituição formal destes. Assim surgiu o chamado Giro do Círio de Nossa Senhora da Pedra Mua ou Giro Saloio. Do Giro do Círio Saloio faziam parte cerca de 30 freguesias. Assim, apenas de 30 em 30 anos a mesma freguesia voltava a organizar a festa.

Oito freguesias organizavam o seu próprio círio, não fazendo parte do Giro: *Almada,* no domingo da Trindade, *Azeitão e Sesimbra no* 1º domingo de Setembro, *Palmela* em 15 de Agosto, Seixal e *Arrentela* na 2ª oitava do Espírito Santo e Lisboa no 3º domingo após o Espírito Santo. Estas freguesias não faziam parte do compromisso seiscentista.

Há historiadores que defendem que o culto Mariano no Santuário do Cabo Espichel terá tido início cerca de 1215, com a lenda da nau do padre Dom Bartolomeu. Outros defendem que esta lenda se refere apenas a Nossa Senhora da Arrábida. Se a lenda fosse a mesma, a imagem teria desaparecido durante 195 anos, reaparecendo em 1410, quando se deu início à lenda do Homem de Alcabideche[5].

Existem romarias documentadas ao Cabo Espichel no século XIV. D. Pedro I, em carta de 12 Abril de 1366, refere os romeiros de Azeitão que vão a Santa Maria do Cabo.

Heitor Batista Pato, relativamente às datas do aparecimento da imagem, levanta várias questões, relacionando vários autores. Deixa-nos num dilema, 1385 ou 1410, afirmando que a data de 1215 teria sido uma data em que teve início uma confusão de Raposo Botelho. Isto levou muitos outros autores a confundirem a lenda de Nossa Senhora do Cabo Espichel com a lenda de Nossa Senhora da Arrábida. Heitor Batista Pato refere ainda um manuscrito que data a aparição da imagem no ano de 1275.[6]

Muitos escritores, no entanto, descrevem um culto no promontório do Cabo Espichel sem invocar Nossa Senhora. Falam de uma tradição, de um culto talvez com origem a partir do aparecimento da luz do Nascimento de Cristo.

O facto de existirem as pegadas de dinossauros na falésia leva à lenda que Nossa Senhora supostamente terá subido a falésia numa Mua, da praia dos Lagosteiros até ao local onde foi encontrada, originando assim uma segunda lenda em que aparece Nossa Senhora da Pedra Mua.

Muitos são os significados atribuídos à palavra Mua, referente à lenda da Nossa Senhora do Cabo. Manuel Gandra estabelece uma relação entre a palavra Mua e a Atlântida de Platão, sendo ele o seu principal defensor.[7]

O culto a Nossa Senhora do Cabo Espichel, implantado há várias gerações, foi reactualizado fortemente, junto das populações, no reinado de D. João I. Nesta época Portugal foi novamente atingido pela peste, principalmente na zona Norte do Tejo. A Margem Sul, considerada especial por estar protegida pela Senhora do Cabo Espichel, não foi afectada, facto que levou ao aumento das romarias ao Santuário. O Círio Saloio da Margem Norte do Tejo ampliou uma enorme devoção que se mantém até hoje. Este flagelo originou outros Círios.

[5] Conta a lenda que um homem de Alcabideche avistou uma luz sobre o promontório do Cabo Espichel. No caminho conheceu uma caparicana que se apresou a chegar ao promontório enquanto ele dormia. Assim, foi ela a primeira a chegar ao Cabo Espichel e quem encontrou a imagem de Nossa Senhora.
Na Igreja Matriz da Costa da Caparica há azulejos alusivos ao dilúvio que supostamente inundou a Atlântida.

[6] Cf. PATO, Heitor Batista. 2008. *Nossa Senhora do Cabo. Um culto nas terras do fim.* Lisboa: Arte Mágica. p. 97

[7] Cf. GANDRA, J. Manuel. 2004. *Círios de Nossa Senhora do Cabo Espichel, Aspectos Míticos Simbólicos.* São Martinho: Edição Comissão de Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel.

No ano de 1522 Portugal volta a ser *castigado* por mais um surto de peste, e Nossa Senhora volta a ser invocada. Nesta altura é constituída a confraria da Nossa Senhora da Guia que viria a ser festejada no Santuário de Nossa Senhora do Cabo.

Não podemos deixar de pensar o porquê de tanto abandono do Santuário da Nossa Senhora do Cabo Espichel nos dias de hoje. Em tempos Nossa Senhora era invocada com muito fervor e devoção por populações distantes. Era aqui que aconteciam as maiores romarias de veneração à Virgem das Margens Norte do Tejo. O culto tem sido vivido com maior ou menor intensidade em função das atitudes dos crentes. Actualmente, Setembro é o mês em que a vila de Sesimbra e as gentes do campo se unem para venerar a Virgem Santa. Nestes dias de festa esquecem-se rivalidades e dissabores do dia-a-dia. Sesimbra acorda com foguetes, alvorada para os dias de festa que se seguem. O ritual repete-se todos os anos. As *carreira*s para o Santuário não esperam. Mais tarde os *peixitos*[8] e os camponeses misturam-se, tentando viver de forma harmoniosa no mesmo espaço em honra da sua Padroeira, sua Mãe, ela que nunca lhes falta nas horas de aflição, tanto na vida pessoal como na labuta diária.

Além da Festa da Vila de Sesimbra, os agricultores das zonas circundantes têm a sua festa, no segundo domingo a seguir à Páscoa. Dirigem-se ao Santuário para pedir à Mãe protecção pessoal e chuva para as suas colheitas serem fartas. Esta festa dos agricultores poderá ser a original. Este culto pode ter tido uma origem moçárabe, tendo em conta todos os vestígios desta cultura nas povoações limítrofes, e na história de todo o Santuário.

Ainda hoje, em época de festas, acumulam-se famílias, sem as condições mínimas de habitabilidade, com uma devoção sem igual. As crianças anseiam pelas festas do Cabo para os convívios e aventuras naquele local, que ganha uma vida e uma energia como a de outros tempos.

2. Vivência e Racionalidade

A Orla Costeira Portuguesa está pontuada por sinais de veneração. "O espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível."[9] Os Finisterra são um tema constante da nossa cultura e paisagem, um cruzamento de geografia, natureza, religião e arte. A sacralização de montes e promontórios tem vindo a ser praticada ao longo dos séculos. Romanos, Cristãos e Muçulmanos elegeram estes lugares para coisas grandiosas. Algo acontece que origina o mito do qual nasce a lenda que dá origem a um símbolo de forma a imortalizar esse acontecimento. Constroem-se monumentos de forma a impedir o seu esquecimento e a fortalecer a fé popular. Mitos e lendas nasceram como tentativa de encontrar o sentido do inexplicável.

Os santuários são quase sempre construídos em locais reservados, longe das povoações. É o que acontece no concelho de Sesimbra: o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel, Gruta Nossa Senhora de Santa Margarida, Nossa Senhora *D´el Cármen.* São edifícios religiosos humildes, como é o caso do Santuário do Cabo Espichel. E acontece que, muitas vezes, são abandonados à mercê das intempéries e de vandalismos. Não são no entanto abandonados pelos peregrinos que, mesmo sem condições de habitabilidade, os continuam a visitar com fé e devoção.

A espiritualidade aparece na vida do povo de Sesimbra como um sentir e um acreditar imanente, sem o qual a vida não teria sentido. O Cabo Espichel, local de práticas culturais desde tempos muito recuados, sacralizado no Neolítico final. Muitos são os fenómenos que desde

[8] Nome dado aos habitantes de Sesimbra.
[9] PONTY, Maurice Merleau. (1945)- 2006. *Fenomenologia da percepção. 3ª ed. São Paulo:* Martins Fontes editora Ltda, p. 328.

sempre intrigaram populações locais e envolventes, lendas esotéricas de sereias e tritões, fenómenos solares observados na Península Ibérica, que coincidiram com o Nascimento de Jesus, sentidos com maior intensidade no Promontório do Cabo Espichel, Serra da Arrábida.

A Serra da Arrábida, o Cabo Espichel e a Serra de Sintra são locais envolvidos por um mistério que os une. Lugares de encantamento e devoção desde a mais remota antiguidade.

A Serra da Arrábida é um dos locais mais elevados da Costa Portuguesa, situada no fim do continente, numa das serras que defende as portas do Tejo. Com início no Castelo de Palmela e estendendo-se durante 36 km de orla costeira com 6 km de largura, até ao Promontório do Cabo Espichel. Os penhascos penetram pelas águas batidas do Atlântico, impressionantes pela sua rudeza e grandiosidade, com ar carregado de salinidade, ventania constante, onde mal se sente a presença humana. Muitos foram os escritores que mencionaram fenómenos solares observados na Península Ibérica, com maior intensidade no Promontório do Cabo Espichel, Serra de Arrábida, que coincidiram com o Nascimento de Jesus.[10] Uma outra luz, alguns séculos mais tarde, terá dado origem à lenda dos Velhos da Caparica e Alcabideche.

É também legítimo supor-se que as romarias a Santa Maria do Cabo / Nossa Senhora do Cabo Espichel, fossem como que uma reactualização das Romarias da Sagrada Serra da Arrábida e que ambas fizessem parte do mesmo sistema mítico. Um conjunto de grutas naturais transformadas em locais de veneração, sacralizado desde a mais remota antiguidade, pontua a Serra até ao Santuário.

Grutas utilizadas desde a pré-história até à Idade Média como habitação, outras transformadas em locais de culto com a erecção de capelas, como a gruta/ermida da Lapa de Santa Margarida, junto ao Portinho da Arrábida, com ocupação desde o paleolítico. A Lapa do Fumo e do Bugio, onde foram encontrados objectos em xisto, osso e calcários associados a práticas funerárias, implicando a possível existência de culto a uma entidade superior.

A miscigenação cultural levou ao aparecimento de novos cultos. Após o domínio islâmico da península assistiu-se à implantação de pequenos cenóbios, fortalezas ou conventos, muitas vezes associados a mesquitas ou oratórios, a espaços de estudo religioso, construídos em arribas costeiras pelo seu interesse estratégico. Perto do Espichel, uma povoação chamada Azóia, que provém do étimo árabe, *az-zawiya* que significa *canto de uma casa*, promontório ou cabo. O topónimo Arrábida, *al-rabiTâ* significa convento fortificado para guardar fronteira. Convento/Fortaleza, integrado numa rede de edifícios religiosos e castrenses.

Independentemente da cultura ou religião, a figura materna está sempre perto do coração humano. A sua veneração é generalizada por todas as culturas e religiões. Desde o Cristianismo até ao Hinduísmo, Budismo, Islamismo, Judaísmo, etc., todos rezam à Mãe, pois só ela com o seu infinito amor é capaz de compreender a dor e a necessidade de amor do coração do homem. O culto equinocial esteve e estará sempre ligado ao culto da Virgem Mãe. Muitos são os rituais cristãos que são celebrados ou eram celebrados virados para nascente. O simbolismo do Sol nascente foi fundamentado no Antigo Testamento e associado aos profetas que anunciaram a vinda de Jesus. No Novo Testamento o Oriente toma um carácter escatológico.

---

[10] Cf. *Ortega, Laymundo. De antiquitatibus Lusitaniae, Livro IV, Parte I, Til. V, p.414:* "*na parte Occidental da Lusytania, junto ao Promontório Barbárico, que he agora Serra da Arrabida, se vio por este tempo hua luz tão clara, como se o próprio Sol estivera naquele posto. Forão todos estes sinaes aos vinte e cinco de Dezebro do anno três mil e novecentos e sessenta e dous da criação do mundo".*

- Cf. COSTA, Diogo Francisco da Piedade. 1899. *A Luz de Portugal, História da Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: Typografia da companhia Nacional Editora, p. 7: *"claridade de luz celestial que appareceu sobre este cabo, e sobre toda a Serra da Arrabida de que elle faz parte, n´essa feliz noite em que a gloriosa Virgem Maria dava á luz o Menino de Deus, o Redemptor da humanidade, e mais tarde pela Ermida e a Milagrosa Imagem da Nossa Senhora, Soberana Rainha do Céo e a terra que alli axistem, e pela devoção do povo portuguez e milagres que deram origem a círios e romarias dos fies*."

Foi da Síria que vieram as festas e os dogmas do culto católico de Maria, bem como o Culto ao Sol, ao Céu. O culto a Maria esteve desde sempre ligado à contemplação do Sol.

3. Vivência e Santuário

Muitos têm sido os santuários construídos sobre a influência de várias culturas que se fundiram no decorrer dos tempos, *"o carácter diário se afeiçoou dando-lhe feição."*[11] São espaços maioritariamente construídos pelo povo, para o povo, uma arquitectura sem arquitecto.

Num caminho sinuoso, de vegetação rastejante, avista-se o *skyline* de uma massa urbana com uma horizontalidade cortada por duas torres sineiras. Um conjunto arquitectónico com uma tipologia única. Espaço cenográfico edificado num local edílico, uma peça de arquitectura de valor incalculável, declarado de interesse público[12].

Santuário do Cabo Espichel, um espaço racionalizado de organização linear, tipologia em U que determina um arraial limitado pelo plano da fachada da igreja e duas alas de hospedarias paralelas. O topo nascente aberto, limitado pelo Cruzeiro e pela Mãe-d'água. Desde a sua orientação, aos elementos que o compõem, nada foi deixado ao acaso.

Este tipo de configuração faz com que à medida que nos aproximamos, descubramos o espaço, pouco a pouco, até que nos sintamos completamente envoltos nele. Como se nos abraçasse.

Com um conceito diferente dos Santuários da época, o Santuário da Nossa Senhora do Cabo foi colocado de parte perante modas artísticas, edifícios exuberantes tais como o Mosteiro da Batalha, os Jerónimos, Bom Jesus de Braga.

Em 1414 D. João I doou a D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável do Reino, os terrenos do Cabo Espichel. D. Nuno, grande devoto de Nossa Senhora do Carmelo, teria assim a obrigação de dar uma casa condigna à Virgem. Mas foi apenas em 1490 que se iniciaram as obras da Ermida da Memória, existindo até então um pequeno templo, feito de alecrim, que abrigava a imagem.

Foi então construída uma forma quadrada, encimada por uma cúpula em forma de bolbo, encimada por um pináculo. O boleado desapareceu nos anos 90. A entrada é feita por porta única, antecedida por um pequeno pátio virado a este. A cota de soleira está situada abaixo da cota da plataforma rochosa em que está inserida.

Existem várias opiniões sobre as influências arquitectónicas deste pequeno templo. Muitos dizem que será um traçado islâmico, pela sua forma quadrada encimada por uma cúpula e a entrada antecedida por um pequeno pátio. No entanto, a cúpula não é abobadada, como as ermidas islâmicas, mas em forma de bolbo.

No seu interior a pintura dos azulejos conta a história do Santuário mostrando a construção da 1ª igreja tardo-medieval que teve início em 1495, da qual não existem vestígios. Além dos azulejos existe apenas uma descrição feita por escrito de D. Jorge de Lencastre, no ano de 1516, após uma visita ao Santuário.

[11] AMARAL, Francisco Keil do,[et al.]. 1964. O *Santuário da Nossa Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

[12] (Imóvel de Interesse Publico por decreto nº 37728 de S-1-1950), Zona de Protecção: Diário do Governo, 2.ª série, nº 280, 29-11-1963).

No ano de 1701, D. Pedro II, devoto de Nossa Senhora do Cabo, mandou construir a igreja actual. Ao ser edificada, no século XVIII, sofreu influências arquitectónicas do estilo Barroco. Neste período a fachada das igrejas estava geralmente virada a oeste, introduzindo-lhes simbolismo arquitectónico. Por isso era mantida em sombra quase todo o dia, para quando o sol estivesse no seu auge a iluminasse de uma forma gloriosa como se a vida entrasse até o dia terminar. No entanto, na igreja do Santuário do Cabo Espichel, a orientação está invertida.

Igreja de Nossa Senhora do Cabo Espichel, um projecto no Estilo Chão, frontispício plano onde estão inseridas duas torres sineiras, que fecham o corpo central. Fachada barroca, com uma cimalha que abriga um nicho com a imagem de Nossa Senhora do Cabo. Frontão triangular ornamentado com dois pares de volutas e uma porta pouco ornamentada encimada por uma vieira, ladeado por dois portais mais pequenos. Na cota do coro, três janelas emolduradas formando um conjunto tardo maneirista, concepção típica do séc. XVII.

De planta longitudinal, com dois rectângulos justapostos da Capela-mor e da Nave aos quais se adossam as torres sineiras, e dois rectângulos da sacristia. Telhados articulados com duas e três águas sobre a igreja, anexas as torres com uma cúpula. Dois pisos flanqueados pelas duas torres sineiras, rasgadas por três pequenas frestas, com cobertura em coruchéu piramidal.

No interior, paredes revestidas por mármore preto e branco da Serra da Arrábida, com dez altares, (Lisboa, Almada, Palmela, Setúbal, Caparica, Azeitão, Arrentela/Amora e pelos "círios saloios") oferecidos pelos Círios correspondentes, construídos entre 1718/1722.

O elevado fluxo de peregrinos levou a que no ano de 1715 se iniciasse a construção das actuais hospedarias, chamadas Casa dos Círios. Ainda hoje podemos ler numa lápide junto á porta da igreja: *Casas de Nossa Sra. do Cabo feitas por conta do Sírio dos Saloios de 1757 para acomodação dos mordomos que vierem dar o Bodo.* Até esta altura existia um Santuário mais ou menos circular, com um templo no centro. As habitações, construídas aleatoriamente sem qualquer planeamento, acabaram por formar um pátio *Arraial* quase fechado, que nos dias de festa se tornava caótico.

Foram então construídas hospedarias paralelas entre si, ligadas lateralmente à igreja por dois arcos que nos dão passagem para a parte posterior do Santuário. Promontório onde encontramos a Ermida da Memória. Constituídas por lojas e sobrados, enriquecidas por uma arcaria que se desenvolve ao longo destas, tornando-se o elemento unificador do espaço. Valorizando o arraial/terreiro, local de festa religiosa e profana tão estimado pela sensibilidade barroca. Espaço cenográfico onde o homem se sente como parte integrante do mesmo e não um mero espectador.

Assim foi criado um espaço cénico que valorizasse todo o culto. Uma planta rectangular, com dois corpos paralelos, orientados no sentido Este – Oeste.

Espaço racionalizado, geométrico, com uma axialidade quase perfeita que liga os elementos principais: Igreja, Cruzeiro e Mãe-d'água. As Hospedarias são paralelas a este eixo, sendo criado um todo, onde a Ermida da Memória não se inclui. A autoria do projecto foi atribuída por Victor Serrão ao Arq. João Antunes, embora esteja em aberto qual ou quais são os autores desta obra.

É no reinado de D. José, em 1770, que se dá início à construção da casa da Mãe-d'água que é terminada em 1778. Inserida num recinto rectangular murado por um pórtico de entrada, antecedida por uma escadaria de vários lanços. Planta de forma hexagonal, com uma única porta de acesso em arco de volta inteira, encimada por frontão triangular, paredes cegas e espessas apilastradas marcando as seis faces. Coberta por cúpula em seis panos de tijoleira, revestida a pedra rematada por lanternim com cimalha envolvente. Interiores com bancos corridos em pedra, uma fonte *Rocaille*, painéis de azulejos da fábrica de Belém, com cenas alusivas aos círios e caça,

criam um ambiente único de descanso e de meditação acentuado por uma luz zenital e o som do correr da água. O recinto envolvente era utilizado para uma horta. Os alimentos ali cultivados eram utilizados pelos peregrinos em dia de festa. Uma outra parte foi muitas vezes utilizada para largada de touros. Para podermos visitar este local temos que descer da plataforma do terreiro para uma cota mais baixa, para depois voltarmos a subir uma escadaria de acesso. Podemos pensar que nada disto foi intencional, mas há quem entenda que se trata de subir a algo superior, deixando o profano para traz, uma penitência em cada degrau.

Quem vai ao Santuário prestar homenagem a Nossa Senhora tem obrigatoriamente que se dirigir à falésia, onde se situa a Ermida, construída num dos seus extremos como se fosse saltar. Tantas são as suposições sobre a sua localização, que apenas podemos meditar sobre elas: a ermida foi construída neste local, porque ali foi encontrada a imagem da Senhora; tem esta orientação porque neste local o vento é constante, assim estaria mais protegida; é uma construção baseada na cultura do povo saloio, que usava esta orientação nos seus celeiros. A verdade é que a Ermida continua sobranceira ao Atlântico, lá no alto da falésia.

O Santuário do Cabo Espichel é um lugar rico em termos arquitectónicos onde podemos encontrar reunidos num só lugar Arquitectura Militar, Religiosa e Civil, com estilos arquitectónicos diferenciados. Espaço cenograficamente concebido, com escala humanizada, em que o homem se sente parte integrante do cenário e não apenas um mero espectador.

Toda esta cenografia criada neste local idílico tem muitos segredos por desvendar, uma mais-valia para todos: crentes de Nossa Senhora do Cabo ou meros turistas que ficam maravilhados com este espaço deixado ao abandono. Arte e subtileza que vamos perdendo, ignorando espaços com uma identidade. "*Quanto mais eu acentuar a objectividade das coisas, cortando o cordão umbilical que liga à minha existência, mais converterei este mundo num espectáculo sentido como ilusório*"[13]. Identidade essa que foi o espelho da sociedade que o edificou.

O Santuário do Cabo Espichel é um espaço impregnado de simbolismo, uma obra única de arquitectura com um sentido em aberto. O verdadeiro sentido, gravado nas pedras, misteriosamente escondido no Promontório, não poderá ser desvendado, apenas pressentido e sentido na vivência do mistério de um lugar único. O mistério deste local transcende-nos, aqui se descobre a finitude humana e a presença da transcendência.

Bibliografia

COSTA, Diogo Francisco da Piedade. 1899. *A Luz de Portugal, História da Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: Typografia da Companhia Nacional Editora.

FONTES, Joaquim. 1951. *A Propósito do Círio de Nossa Senhora do Cabo Espichel, Um Historiador Saloio*. Lisboa: *Boletim da Junta de Província da Estremadura.*

PONTY, Maurice Merleau. (1945)- 2006. *Fenomenologia da Percepção. 3ª ed. São Paulo:* Martins Fontes editora Ltda.

AMARAL, Francisco Keil do,[et al.]. 1964. O *Santuário da Nossa Senhora do Cabo no Espichel.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTO, Moisés Espírito. 2001. O*rigens do Cristianismo Português precedido de A deusa Síria de Luciano*, 2ª ed. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa.

[13] MARCEL, Gabriel. 1955. *Da recusa à invocação*. In FOULQUIÉ, Paul. *O existencialismo.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, p. 45.